

# CENTENÁRIO DE LUÍS-PHILIPPE PEREIRA LEITE

*Benedito Pedro Dorileo*

(Reitor da UFMT, Associado do IHGMT e da AML, Cadeira n. 26. Patrono:  
Joaquim Duarte Murtinho. pdorileo10@gmail.com)

Verbera o adágio peripatético atribuído a Descartes: “a natureza tem horror ao vácuo”. Naturalmente ao vazio, à esterilidade – e, no humanismo, à ausência de valores. Minguam passo a passo nos anais os vultos insignes que levantaram com brio a nossa cultura – o obituário contemporâneo testemunha a assertiva. O espaço está sendo usurpado em nosso país pelo apoderamento do romance picaresco, cujos atores, os pícaros são ardilosos, espertos que obtêm lucros e vantagens na lama capitalista. São os que burlam os projetos sociais em andamento e chafurdam-se na corrupção.

A descrença se aprofunda e provoca apatia, a iniquidade assola e desafia. Não está fácil salientar a consciência e a honra dos homens que viveram e legaram honestidade.

Num esforço intelectual, abramos o discreto álbum de memória de Mato Grosso à procura do bálsamo de recordação de figuras que plasmaram a nossa história, as nossas letras. Aprendemos nos intensos anos da incomparável empreitada de implantação da pioneira Universidade Federal de Mato Grosso – a agência maior que tornou possível a divisão do nosso Estado –, que nenhum conhecimento pode encerrar-se em si mesmo, que a sua produção deve imediatamente ser compartilhada – a necessária extensão, tão bem cuidada pelo Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras, a partir de 1968. Entendeu-se que nenhum polo de ciência ou de cultura goza de hermetismo, que os conhecimentos devem exercitar o salto para o seio do povo. Assim deve ser para os órgãos de ensino, de pesquisa, de produção cultural, também válido para institutos ou academias.

Em adesão ao assunto, o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, fundado em 1919, caminha para o seu centenário ao lado de Cuiabá em seu tricentenário, em 2019 – já tão próximo. Pouco depois virá a coirmã a Academia Mato-Grossense de Letras, instituída em 1921. Nasceram por reação da angústia sofrida no

deserdado Centro-Oeste brasileiro. A relevância foi congregar cérebros devotados para garantir a sobrevivência de um povo.

O historiador Paulo Pitaluga Costa e Silva, em sua apreciável obra *Philippeanas*, resguarda a memória de Luís-Philippe Pereira Leite, acentuando a importância do IHGMT. Como pesquisador revela fato do período inicial da década de 1970, com queda de sua produção: “a revista há muito paralisada, o prédio abandonado, biblioteca saqueada, apatia e desolação”. Sobre o passageiro declínio, o autor destaca a figura de Pereira Leite, associado desde 1946, possuidor de elevada cultura e intelectualidade, para reerguer o venerando Instituto. “Deu rumo austero, encetou diretrizes, investiu recursos próprios e reabriu as portas da Casa Barão de Melgaço, durante os 20 anos de sua gestão.”

Nos 80 anos de vida de Luís-Philippe Pereira Leite, chamei-o de *oráculo cuiabano*, quando reli e analisei as suas 3 monografias substantivadas da forma composta e sincopada de maior: O Guarda-Mor, O Lavrador-Mor, e O Orago-Mor, encerradas em seu livro de mais de 500 páginas, intitulado Três Sorocabanos no Arraial, editado em 1985. Costa e Silva, ao final, oferece o catálogo bibliográfico referenciando os títulos editados.

Certo é que a obra de Pereira Leite encerra passagens romanescas, feitos e episódios curiosos outros, que dão motivo para pesquisa relevante, como o Forte de Coimbra, personalidades, festas e folclore.

Homem íntegro, o carvalho da madeira nobre da nossa cultura. Com ele convivi, aprendendo sempre. Neste ano de 2016 temos o dever de celebrar o seu centenário de nascimento, em 12 de dezembro de 1916. Repito o que outrora dissera: homenagem a Luís-Philippe Pereira Leite suscita o epíteto de oráculo cuiabano – que, por definição léxica em sentido figurado, oráculo é a pessoa cuja palavra representa muito peso ou inspira confiança absoluta.

## **O oráculo cuiabano**

Releio, anotando, as três monografias substantivadas todas elas da forma composta e sincopada de maior: O Guarda-Mor, O Lavrador-Mor e o Orago-Mor encerradas no livro de mais de quinhentas páginas, sob o título de Três Sorocabanos no

Arraial, editado em 1985. É deveras muito propício o momento, dado que a história e a fé estreitam-se em abraço fecundo nesta obra. Pois, no ano de 1996, a Igreja cuiabana celebrava os 250 anos de criação da Prelazia, em 1746; e o autor o seu octogenário de vida, no mesmo mês, dias 6 e 12 de dezembro, respectivamente.

Passo a passo nas linhas de miúdas letras, encontro pepitas reluzentes de raríssima preciosidade, garimpadas pelo memorialista com aguda sensibilidade de espírito.

Inicialmente, relembrando bandeiras e monções que aportaram o centro-geodésico da América do Sul, no século XVIII, encontramos a aclamação de Pascoal Moreira Cabral Leme como o guarda-mor das fabulosas minas do Arraial de Forquilha, às margens do Coxipó do Ouro, o arraial-mater, sob a invocação de nossa Senhora da Penha de França, em 8 de abril de 1719.

Pouco tempo e a ganância do ouro, principalmente para suprir a Coroa Portuguesa, expande a exploração para atingir o ribeirão Prainha, com novo arraial das minas, descobertas por Miguel Sutil de Oliveira.

O capitão-mor Jacinto Barbosa Lopes logo, em 1722, edifica uma capela de palha, em louvor ao Senhor Bom Jesus. Bandeirantismo e religião escreviam as páginas primevas da história cuiabana, envolvida com sacrifícios dos brancos e índios, cuja odisseia, em meio aos inóspitos e ingentes sofrimentos, era sustentada pela fé.

As lavras de Sutil, o lavrador-mor, cresciam e a fama aurífera de generosos mananciais começou a povoar a região assumindo, em 1727, os foros de Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá, com o simbolismo das armas e levantamento de pelourinho. Por interesse fiscalizador a Vila Real tornava-se sede provisória da Capitania de São Paulo.

Faltava a imagem. Evidentemente não se adora estátua, mas a venera como símbolo, representação do sagrado, a inspirar o culto devido ao Senhor.

Comoventemente é a reprodução da crônica narrativa da confecção, transporte e chegada da Imagem do Senhor Bom Jesus de Cuiabá, em 1729, oficialmente adotada por decisão do Senado da Câmara da então Vila Real. O Orago-Mor assoma o altar.

Completa-se a tríade comentada no livro de Luís-Philippe Pereira Leite, como os Três Sorocabanos no Arraial, pois fundadores e imagem procederam da cidade-madrinha de Sorocaba, em São Paulo.

Deve ser anotado que o autor registra atas, versões que, propositadamente, às vezes se conflitam, em autêntico tear histórico para que o leitor assuma a sua crítica. O âmago, porém, é preservado e respeitado.

A imagem taumaturga foi abrigada na Capela que logo tem paredes de barro e depois taipa socada, ruindo por vezes, reconstruída em 1740 pelo vigário padre João Caetano Leite César de Azevedo. Somente em 1771, sendo vigário padre José Pereira Duarte, recebeu sua primeira torre com forma de pirâmide.

De Prelazia para Diocese em 1826, dom José Antônio dos Reis, o primeiro bispo, assumindo em 1832, durante o seu rico apostolado, construiu as sacristas laterais, modificou a torre dando-lhe a forma ogival que permaneceu até o início do século XX. Pois em 1928, o presidente do Estado, Mário Corrêa da Costa, modificou a fachada, edificando a segunda torre, com alteração da primeira. O corpo permanecia de paredes de barro socado. E assim ficou, com ligeiros reforços, até a demolição final, em 1968.

Não é fácil tentar condensar a generosa oferta de dados e detalhes, verdadeiras filigranas, da obra de Luís-Philippe, que não se fecha em si, mas se abre em ideias documentadas e diversificadas de pesquisadores.

É assinalado o ano de 1958 como o marco de tomada de decisão quanto à estrutura física da Catedral, que ameaçava ruir por inteiro, fissurada gravemente, com exceção do frontispício. É criada a Comissão de Reconstrução, pouco tempo após haver dom Orlando Chaves assumido o sôlio arquiépiscopal. “ O tombamento junto ao Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional fora recusado, face à perda do estilo colonial, com a modificação da única torre abobadada, do lado do Palácio da Instrução, pela dupla em agulha”..., repete o Autor esta passagem na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso (Tomo CXXXIX-CXL, p.60, publicada em 1993).

Perda de autoridade histórica, reparação duvidosa com risco de fatal desabamento, ‘a Comunidade rezava, refletia, atenta aos detalhes e pareceres, e afinal decidi: 70% pela demolição e reconstrução 30%’ ..., quando, ainda, se preparava para os 250 anos de Cuiabá, em 1969.

A relíquia colonial, infelizmente, não tinha sustentação. *Se se tratasse de uma sólida e duradoura construção aí seria imperdoável deitar abaixo o monumento histórico...os muros de taipa... desfazendo-se aqui e acolá...somente a faixada possuía reforço sustentável.*

O relato mostra que na década de 1960, a Imprensa estava dividida, ora apoiava a construção cabal de um novo Templo, ora criticava de maneira acerba, principalmente quando se usou dinamite na demolição. Sucede, porém, que tais petardos usados tão-somente na parte frontal, onde havia concreto armado da reforma de 1928, orientada por

um engenheiro militar, já aludida, pois o restante cedia naturalmente, com estruturas sacudidas pelo tempo, ademais com o trepidar dos veículos motorizados em sua volta, em horas hodiernas. As ruas centrais estavam calçadas de paralelepípedos. Não houve decisão monocrática da Cúria Metropolitana, mas o povo, principalmente a comunidade católica participou, votou livremente e assumiu a decisão de renovar a edificação da Catedral para assumir o foro de Basílica.

Acrescente-se que deve ser lembrado de ter o cuiabano decidido atualizar, arquitetonicamente, a partir da década de 1950, o seu centro urbano, lançando por terra os antigos Palácio Alencastro, Prefeitura Municipal e mais prédios públicos e particulares, na área que incluía a Catedral. Foi direito de opção exercitado pela maioria, e como tal deve ser respeitado.

O tempo passa e tudo refeito já propicia novas promessas históricas *ad futurum*. Em 1998, foram celebrados os 25 anos da nova Catedral. Em 2018, os 45 anos da Basílica.

Foram quinze anos de trabalho, o advogado Luís-Philippe coordenava a Comissão, ao lado do vigário padre Firmo Pinto Duarte Filho, acólitos de primeira linha do arcebispo metropolitano dom Orlando Chaves, o cantor, o apóstolo das vocações, o administrador.

São longas as páginas que contam as campanhas de doações, movimentos dos fiéis e da sociedade com participação do governo do Estado.

Mais uma vez o processo democrático: os projetos do célebre arquiteto em arte sacra Benedito Calixto de Jesus Neto, autor da Basílica Nacional de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, foram discutidos e postos em votação, e lê-se o resultado de 5.450, mais de 3.000 votos optaram pelo estilo clássico, com ligeiros retoques, que proporcionou a realidade da nova Catedral do Senhor Bom Jesus.

Finalmente, em 24 de maio de 1973, Dia de Maria Auxiliadora, comemorando o Jubileu de Prata da sagração episcopal de dom Orlando Chaves, era definitivamente inaugurada a Catedral reconstruída, com a presença de altos prelados brasileiros e personalidades de governos, clero, fiéis e povo.

Na sequência, o coroamento da conquista. Sua Santidade o Papa Paulo VI, em 15 de novembro de 1974, atendendo ao pedido do venerando metropolitano cuiabano concede a elevação da Catedral à categoria de Basílica Menor. Chamámo-la, portanto, de Catedral Basílica do Senhor Bom Jesus de Cuiabá.

Cívico, religioso, histórico é tudo quanto diz respeito à transladação, em 1975, de Sorocaba para Cuiabá das cinzas de Miguel Sutil de Oliveira, que, hoje, na cripta repousa ao lado de Pascoal Moreira Cabral e de todos os prelados da Prelazia, Diocese e Arquidiocese de Cuiabá até dom Aquino Corrêa. Nos dias que correm, o construtor arcebispo dom Orlando Chaves tem o seu corpo, também, repousando na mesma cripta, falecido no dia da Assunção de Nossa Senhora, 15 de agosto de 1981, após celebrar 81 anos de vida em 17 de fevereiro desse ano.

A obra de Luís-Philippe encerra passagens romanescas, feitos e episódios curiosos outros, que dão margem para uma pesquisa do mais relevante quilate histórico, como o Forte de Coimbra e sua Protetora e sua relação com Cuiabá, festas e folclore, reprodução de documentos raríssimos e muitos depoimentos e mais.

Conduzindo a linha para encontrar o ponto inicial destas parcas letras, destacamos duas efemérides: os 250 anos da Prelazia de Cuiabá, criada pela Bula ‘Candor Lucis Aeternae’, do Papa Bento XIV, em 6 de dezembro de 1746, cuja contribuição de Luís-Philippe foi valiosa em suas diligências para favorecer a Mitra Arquidiocesana com os documentos pertinentes. Foi razão para homenagear Sua Excelência o senhor Arcebispo metropolitano Dom Bonifácio Piccinini, o bispo dos pequeninos: *Bonum Facere Parvulis*. E não poderia esquecer-nos do nosso mestre padre conselheiro Pedro Cometti, do tempo de vida salesiana, vigário-geral. A sucessão já ocorrera, com Dom Milton Antônio Santos que, em 17 de agosto de 2003, assumiu como arcebispo coadjutor e, no ano seguinte, torna-se o quinto arcebispo metropolitano de Cuiabá. Dom Bonifácio vive belamente entre os cuiabanos como arcebispo emérito.

Voltamo-nos, agora, para o doutor Luís-Philippe Pereira Leite, que sempre dispensoulouvaminhas, mas acreditamos que, neste enredo, sente-se mais honrado em sua intocável dignidade de homem virtuoso, na vida pública, como advogado, notário, ou na assembleia constituinte do Estado como deputado em 1947, no Ministério Público como procurador geral de Justiça, procurador regional eleitoral, procurador fiscal do Estado e partícipe de muitas outras funções públicas. Tantas são as honrarias e comendas que possui, como a de comendador da Pontifícia Ordem de São Gregório Magno.

Homem de singular inteligência, espírito percuciente e de nobreza de caráter, vai encerrando uma geração de maiores nomes que Mato Grosso já produziu, persentida pelos pósteros.

O seu octogenário, em 12 de dezembro de 1996, não viera como evento solitário, mas se aliou a outros, solenizando a celebração. Tudo é coincidente num jardim de múltiplas rosas. Ou providencial, como ele próprio lembra dom Aquino: *são elegâncias da Providência*. Porquanto nesse ano também comemorou: 175 anos de Cartório do 2º Ofício; 50 anos de posse na Academia Mato-Grossense de Letras; 10 anos de posse no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; 50 anos de eleição para o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso; 20 anos de presidente deste Instituto e 60 anos de serviço público.

É bem de pensar com Henry Logfellow, em *The Ladder of St. Augustine: As culminâncias conseguidas pelos grandes homens não foram alcançadas com um rápido voo; durante a noite, enquanto seus companheiros dormiam, eles foram abrindo caminhos para cima.*

Homenagem a Luís-Philippe Pereira Leite.

Por definição léxica, oráculo, em sentido figurado, é a pessoa cuja palavra representa muito peso ou inspira confiança absoluta. Cremos que a sociedade, portanto, oferta-lhe o epíteto de O Oráculo Cuiabano.

## Centenário

**Post Scriptum:** Luís-Philippe Pereira Leite nasceu em Cuiabá, em 12 de dezembro de 1916. Portanto, temos o seu centenário em 2016. Falecido em 4 de fevereiro de 1999, em São José do Rio Preto, hospitalizado que estava no Hospital Universitário da Universidade de São Paulo. O seu corpo descansa no Cemitério da Piedade, em Cuiabá, capital de Mato Grosso. O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, a Academia Mato-Grossense de Letras, as Instituições culturais e jurídicas celebram a sua memória, após 100 anos do seu nascimento.